

Capítulo I

Southwell, Nottinghamshire, 1814

— Mamãe diz que poesia é para aristocratas enfadonhos e intelectuais, e não para pessoas como nós — disse meu medonho e estraga-prazeres irmão gêmeo, arrancando o livro de minhas mãos.

Ele crescera mais do que eu ultimamente e não importava o quanto eu pulasse, não conseguiria reaver o magnífico livro que ele tinha me roubado.

— Devolva-me isso! — Tentei vários outros saltos sem lograr êxito. — Richard Arthur Woodhouse, se não devolver meu livro neste instante, gritarei até colocar a casa abaixo!

— Vá em frente.

Indiferente, ele piscou os grandes olhos azuis, que lembravam o vitral da Igreja de São Francisco de Assis. Richard estava longe de ser meigo ou santo, principalmente no que dizia respeito aos meus hábitos literários.

— Ainda assim mamãe achará que estou certo e você errada. — Presunçosamente, manteve o livro suspenso bem acima da cabeça para burlar minhas tentativas de recuperá-lo. — Provavelmente atirárá seu velho e odioso livro no monte de lixo para que os porcos possam lê-lo. — Ele observou a capa. — A poesia de lord Byron.

— Byron é corajoso, bom e... e... e... maravilhosamente romântico, e escreve os melhores versos que já li! — Determinada, defendi meu herói.

Richard retorceu o rosto em uma careta.

— Meu Deus, Mariah! Você lê os jornais tanto quanto eu. Costumam chamá-lo de “Lorde Devasso” por alguma razão.

— As pessoas têm inveja — insisti.

— As pessoas da sociedade conhecem o “Lorde Devasso” melhor que pessoas do interior como você — meu irmão disse, atirando o livro para cima e para baixo, enquanto falava. — O mais perto que conseguirá chegar de seu precioso lord é através destas páginas.

— Eu poderia ter uma temporada em Londres algum dia — falei em voz baixa.

Uma verdadeira temporada em Londres como a dos intelectuais nas colunas sociais era o meu maior sonho, embora soubesse que nunca passaria disso: um sonho.

Richard soltou uma risada de escárnio diante da perspectiva de roupas sofisticadas e vestidos de baile no meu futuro.

— Sei... Quando algum tio rico que não conhecemos despencar do céu e aterrissar a seus pés. — Finalmente, devolveu-me o livro e eu o guardei no bolso do meu avental. — Mamãe está precisando de você na cozinha — informou Richard. — Está se aproximando a hora do almoço.

Concordei com um gesto de cabeça, prendendo meus cabelos castanhos na altura da nuca com uma fita azul que combinava com meu vestido.

Como desejava ter cabelos loiros e olhos azuis como a escandalosa lady Caroline Lamb, com quem lorde Byron estava tão encantado!

Até mesmo Richard era loiro e tinha olhos azuis, enquanto eu tinha simples cachos castanhos e olhos tão escuros que pareciam pretos. Demasiado fora de moda e desagradável para mim.

Certa vez, tentei clarear meus cabelos com suco de limão, mas tudo que consegui foi uma nuance alaranjada horrível, que me forçou a usar chapéu de manhã, de tarde e de noite, até que voltassem à cor normal.

— Apresse-se — disse Richard, enquanto deixava a sala.

Minha família, os Woodhouse, possuía e geria uma estalagem chamada The Merry Men em homenagem à única coisa boa vinda de Nottinghamshire: Robin Hood.

Morávamos em cima da estalagem, e felizmente mamãe e papai decidiram parar de ter filhos depois de mim e Richard, portanto não precisávamos dormir com cinco pessoas amontoadas em uma cama como muitas famílias que eu conhecia.

Estávamos longe de ser ricos, mas vivíamos com certo conforto, em comparação a muitos.

Quando Richard e eu éramos pequenos, dividíamos um quarto. Como presente de aniversário de treze anos, papai converteu o ateliê de costura da minha mãe em um quarto para Richard.

Agora, com quase dezoito anos, estávamos alegremente independentes um do outro.

Richard tinha uma namorada, Betsy Abrams, e eu tinha meus livros. A única aspiração de meu pai para Richard era que ele aprendesse seu ofício e que um dia fosse um bom dono de estalagem.

Acredito que meus pais esperavam que eu me casasse com algum bom vigário ou algo parecido e fosse morar numa graciosa casinha nas proximidades.

Objetivos não muito ambiciosos, mas apenas o que era esperado.

Eu, por outro lado, desejava visitar Londres, Paris, Roma e todos os destinos incluídos em uma tradicional viagem pela Europa.

Mais uma vez, estava certa de que esse desejo se provaria apenas mais um sonho, já que era necessário ter dinheiro ou possuir um parente abastado para embarcar em um *tour* pela Europa, e eu não tinha nenhum

dos dois.

Meu maior sonho, no entanto, era conhecer o brilhante e espirituoso lorde Byron. Sabia que minhas chances de realizá-lo ou ver concretizado qualquer outro dos meus sonhos eram muito pequenas, mas sonhar alto não fazia mal.

Mantinha minha mente além da extremamente pacata Southwell.

Quando éramos mais novos, mais transportáveis e reclamávamos menos dos passeios de carruagem, mamãe costumava nos levar a Nottingham para visitar sua família, mas havia muito que tínhamos deixado de ir.

Talvez todos tivessem se tornado muito “ocupados” com o trabalho na estalagem.

Ainda assim, eu, de minha parte, me agarro às lembranças de nossas visitas a uma cidade maior. Qualquer coisa era um progresso, em comparação com a monotonia de Southwell.

— Filha, você demorou uma eternidade — disse mamãe quando entrei na cozinha, e me beijou o rosto distraidamente, enquanto eu cortava e passava manteiga no pão fresco que acabara de sair do forno para a costureira hora do almoço. A comida de mamãe criara fama na cidade.

Às vezes, se as pessoas estivessem com tempo disponível e ansiassem por boa comida, recebíamos hóspedes de outras partes de Midlands, a Região Central do país.

Eu não possuía qualquer talento culinário, a despeito dos constantes e pacientes ensinamentos de mamãe. Entretanto, sabia seguir instruções muito bem, portanto servia com um sorriso, enquanto ela se escravizava na cozinha.

A família de minha mãe era formada por trabalhadores das minas de carvão de Nottingham, desse modo, a estalagem era uma ascensão na direção certa.

— Coloque pão e manteiga em todas as mesas e depois os informe sobre o guisado ou peito de carneiro — instruiu mamãe. — Tente conseguir vender mais algumas bebidas, ao menos, uma refeição completa.

— Sim, mamãe. — Enchi meus braços com cestas de pão.

Eu conhecia quase todo mundo na cidade, portanto cumprimentava os fregueses com um sorriso simpático e os chamava pelo primeiro nome.

Mamãe sempre dizia que minha maior habilidade de vender estava no sorriso. Era a única coisa em minha aparência que eu via por um prisma positivo. Um sorriso luminoso induzia um punhado de homens a pedir bebidas adicionais. Papai dizia que isso era meu “dom”, e se sentia orgulhoso por eu possuí-lo.

— Walter! É maravilhoso vê-lo!

Estava feliz em ver meu mais antigo e querido amigo, o escrevente da

biblioteca, em sua costumeira mesa no canto, próximo à cozinha.

— B... boa tarde, s... srta. Mariah — ele gaguejou, corando até a raiz dos cabelos.

Walter Weylons era o único homem que eu conhecia que havia ficado míope de tanto ler livros. Uma façanha que mamãe sempre dizia que eu conseguiria se continuasse lendo com tanta voracidade.

Agora, Walter era obrigado a usar óculos de aros de metal, o que o fazia parecer ainda mais como um leitor.

Eu achava os óculos charmosos, mas ele ficava terrivelmente constrangido. Devido aos óculos e à gagueira, muitos de nossos colegas de classe escarneciam de Walter no colégio.

Sempre o defendi com palavras e ações das flechadas e do veneno das palavras deles.

Mamãe dizia que eu era mais feroz do que uma loba defendendo seus filhotes, e em nossa tenra idade, eu acreditava que defender Walter dos escárnios verbais e, de vez em quando, físicos, era a maior demonstração dessa ferocidade.

Ele ainda era meu amigo mais querido, embora não para fins matrimoniais, como desejavam papai e mamãe.

— Eu... eu recebi... recebi novos volumes que poderão agradá-la — disse Walter. — Separei-os para que ninguém conseguisse pegá-los emprestado primeiro.

— Obrigada. Que gentil!

Eu lhe dirigi um dos meus sorrisos abertos. Um rubor intenso se espalhou pelo rosto de Walter, e foi com muito esforço que consegui conter o riso diante de sua timidez. Honestamente, foi apenas um pequeno sorriso!

— Tal... talvez você po... possa nos dar o prazer de sua visita, antes que a biblioteca feche — disse ele, evitando meu olhar enquanto falava.

Uma pena. Eu gostava do modo como os óculos lhe valorizavam os olhos azul-acinzentados. O fato de Walter não gostar de usá-los não significava que eu sentisse o mesmo.

Na verdade, ele não era nenhum lorde Byron. Homem nenhum poderia ser tão atraente quanto lorde Byron.

— Eu adoraria visitar a biblioteca. — Abracei minha bandeja vazia contra o peito. — Vou pedir permissão à mamãe, tão logo termine o turno da tarde.

Walter me dirigiu um rápido olhar.

— Ó... ótimo.

Sorri outra vez e Walter pediu uma refeição completa, sem precisar ser motivado, e mais três bebidas. Papai ficaria orgulhoso.

Naturalmente, mamãe me deu permissão, após o horário de pico. Tão

logo a última bebida foi servida e o dinheiro recolhido, peguei minha peliça, luvas e chapéu, e desci correndo a rua empoeirada a caminho da biblioteca.

Walter ergueu o olhar quando o sino tocou à minha entrada e afastou para o lado a pilha de livros que estava conferindo.

— M... Mariah. Vo... você veio.

— Claro que sim, Walter. — Tirei as luvas e as enfiei em minha bolsa reticulada para guardá-las. — Estou louca para ver esses últimos livros. São de poesia? Lorde Byron lançou outro volume?

— Na... na verdade, el... ele lançou. — Walter escorregou um livro fino e vermelho sobre a mesa do escrevente. — Chama-se *O Corsário*. Pensei também que gostaria do último de Wordsworth e a... aqui está outro romance de “uma senhora”. Lembro-me de que gostou dos... outros trabalhos dela.

— Masfield Park — li o título. — Parece intrigante.

— T... talvez possamos dis...cuti-los outro dia. — Walter sugeriu, carimbando os livros com a data de entrega, antes de escorregá-los pela mesa em minha direção. — Os... os bosques são sempre agradáveis nesta época do ano.

Sorri à menção do local onde brincávamos quando crianças.

— Lembra-se de quando nos esforçamos para construir aquele forte na árvore? Nenhum de nossos pais permitia que usássemos pregos e martelos, portanto nos consideramos bem espertos quando acabamos o construindo no chão.

Walter sorriu ao relembrar.

— N... nosso teto não poderia suportar uma tempestade de primavera de Midlands. T... todo o nosso trabalho foi por água abaixo.

— Uma pena — concordei, retirando minhas luvas da bolsa reticulada e preenchendo o espaço vazio com os novos livros. — Mamãe deve estar me esperando para os preparativos da noite. Obrigada por guardar esses livros, Walter.

— N... não há de quê. — Ele se despediu com um gesto de cabeça, enquanto eu deixava a biblioteca a caminho de casa.